

“*We few, we happy few,
we band of brothers*”
(*William Shakespeare,
Henry the Fifth, Ato IV,
Cena III, Linha 60*).

Decio de Almeida Prado e o Beco do Teatro

FLÁVIO AGUIAR

Quando se aposentou o professor Decio de Almeida Prado – o “Professor Decio”, como era costume chamá-lo, incorporando a função ao nome – deu-me de presente um azulejo de estilo português. O azulejo estava (está até hoje) enquadrado numa moldura de madeira simples, escura, sóbria, o que faz dele uma verdadeira placa. Comprara a peça em São Luís do Maranhão ou, pelo menos, de lá era sua procedência. Nela, lia-se (lê-se), em letra manuscrita, azul: *Beco do Teatro*, assim, com Th. Era um presente pessoal e não era: era um legado, o sinal de uma herança. Durante anos compartilháramos a mesma sala, no Bloco C do Crusp, desde que, a convite seu, comecei primeiro a acompanhá-lo, depois a ter minhas próprias turmas nos cursos de História do Teatro na disciplina de Literatura Brasileira.

Quando tudo isso começou, o curso de Letras alojava-se nos “Barracos” – como eram chamados – onde hoje funciona o Instituto de Psicologia. A Faculdade de Filosofia, recém-desalojada de sua sede (reduto, trincheira, baluarte) na Rua Maria Antônia, fora distribuída de improviso em diferentes prédios da Cidade Universitária. Para as Le-

tras couberam aqueles barracos que deveriam ser (dizia-se) da Veterinária.

Neles tive a felicidade de conhecer o Professor Decio. Primeiro como aluno. Ele entrava na sala, empertigado mas acolhedor (nós alunos dizíamos que ele vestia o cabide junto com o paletó). Depunha as folhas onde preparara a aula sobre a mesa. Invariavelmente eram laudas de jornal, daquelas de papel amarelado com cabeçalho e riscas verticais: ele utilizava o verso. E logo ia nos encantando com suas histórias, análises e comentários sobre Martins Pena, Alencar, Gonçalves Dias, João Caetano e tantos outros autores, intérpretes e momentos do teatro brasileiro. O Professor Decio dava aula de manhã e à noite. Nas noites de inverno vestia um sobretudo longo, de lã cinza e nunca, em aula, dispensava a gravata. Para nós, alunos barbudos, cabeludos, que fazíamos do desalinho uma profissão de fé e do panfleto um estilo, ele era uma lição de sóbria elegância. Nem sempre reconhecida; mas que era, era.

O Professor Decio convidou-me para acompanhá-lo em Literatura Brasileira em 1972, quando se multiplicaram as vagas dos cursos da faculdade. Trabalhei primeiro como monitor. Acompanhava suas au-

FLÁVIO AGUIAR
é professor de Literatura Brasileira e diretor do Centro Ángel Rama da FFLCH-USP.

las, dei um ou outro seminário, e deveria corrigir os trabalhos. Eram turmas imensas. De manhã havia, com os ouvintes, uns 500 alunos, embora “apenas” uns 300 ou 350 viessem de cada vez. À noite, havia quase 300. O Professor Decio entrava, com a mesma fleugma de sempre, e logo aquela bela voz dominava o marulho ou tropejar que rolavam por aquele lago agitado. Os ruídos iam se acabando, tudo se aquietava, e a voz do Professor caminhava soberana sobre aquele oceano de alunos. Desculpe-me, leitor ou leitora. As imagens podem parecer rebarbativas. Mas era assim que eu o via, é assim que eu lembro.

Depois vieram os anos de convívio mais estreito, em que fomos, digamos assim, “colegas”: eu, discípulo; ele, mestre. Com o passar do tempo o Professor convidou-me gentilmente a deixar de chamá-lo de “senhor”, quando me dirigia a ele, e que o chamasse de “você”. Comecei a chamá-lo assim. Isso durou uns três meses. Um mal-estar foi crescendo dentro de mim, até o dia em que a coisa estourou. Cheguei para ele (nesse tempo os cursos de Letras já tinham se deslocado para o Crusp, transformados em exército de ocupação para impedir a volta dos estudantes) e desabafei: “Olhe, Professor, não dá. Não consigo chamar o senhor de você. Para mim o senhor será sempre o senhor. Podemos até ficar amigos, como gostaria. Mas nunca vou conseguir deixar de chamar o senhor de senhor”. Ele riu demais da conta. E ficamos amigos: eu, você; ou o Flávio; ele, o senhor, ou o Professor.

Estivemos juntos em diferentes circunstâncias da vida acadêmica. Ele fez parte das minhas bancas de mestrado e doutorado. Depois, fiz parte de bancas de orientandos seus. Fui seu aluno em cursos de pós-graduação, dei seminários a convite dele – inclusive no tempo em que deu cursos na Escola de Comunicações e Artes (ECA). Não vou discutir aqui nestas mal traçadas e emocionadas linhas sua inestimável e segura contribuição para os estudos de teatro e cultura no Brasil, o que já foi feito em outros espaços, homenagens e livros (como em *Décio de Almeida Prado: um Homem de Teatro*, da Edusp/Fapesp).

Só quero registrar que tive a felicidade (a honra) de ir vendo essa contribuição nascer em aulas, em programas e depois ir-se transformando em livros que, no seu conjunto, formam um panorama histórico da formação e da presença do teatro brasileiro. O Professor Decio firmou – com outros da sua geração, é claro – a presença do teatro brasileiro nos estudos acadêmicos e para-acadêmicos no Brasil. Na USP, inegavelmente, ele criou o Beco do Teatro.

Dois dos aspectos mais característicos de sua atividade, ao lado da elegância que já frisei, eram a familiaridade e o bom humor. Em 1981 eu estava no Canadá, cumprindo programa de pós-doutoramento. Alguns meses antes de voltar escrevi-lhe, perguntando sobre que cursos eu teria de dar na volta. Ele respondeu-me que já era mesmo hora de retornar, pois estava ficando contaminado por aquela mania de país desenvolvido, de se pensar tudo com meses de antecedência. Eu devia lembrar-me muito bem de que aqui eu só ficaria sabendo destas coisas na vigésima quinta hora, provavelmente na escada do avião, ao desembarcar... Outra vez fizemos uma reunião social em sua casa, à noite, entre os professores de Literatura Brasileira. Tomamos uns vinhos, comemos uns queijos: o Professor Decio cedeu a casa, o Professor Castelo (José Aderaldo Castelo) providenciou os vinhos. A reunião era muito agradável, mas um bocado formal – penso que mais devido às preocupações dos professores jovens (entre eles eu) e acompanhantes, de estarmos assim, informalmente, diante de verdadeiras sumidades dos estudos brasileiros. Mas aos poucos os professores mais antigos foram saindo, até que ficaram só a geração dos novos e os anfitriões: o Professor Decio e dona Ruth, simpatia de pessoa. Já nos preparávamos para ir embora, não querendo abusar da boa-vontade dos dois. Mas ao despedir o último dos mais antigos e voltar para a sala, o Professor Decio já vinha com um brilho discretamente maroto nos olhos: “Agora que ficamos só nós, os jovens”, disse ele, “vamos começar a festa!” Foi uma gargalhada só. E de fato, ficamos por lá mais um bom tempo, vendo

fotos antigas e ouvindo o Professor Decio cantar árias de óperas de sua preferência ao lado de canções francesas – algumas, diga-se de passagem, bem picantes. Tão alegre foi a noitada que o Professor permitiu-se, ele que nunca bebia, tomar dois goles de vinho tinto.

Para mim, tudo isso e mais alguma coisa estavam naquele gesto de oferecer, como um legado, aquele azulejo do *Beco do Teatro*. Não era, de fato, um presente só para mim. Era um legado para a Universidade. Tanto que logo compartilhei o presente com João Roberto Faria, ex-orientando do Professor Decio, que foi contratado na vaga por ele deixada. A placa é nossa – e é da nossa sala. Quando o curso de Letras veio para seu prédio definitivo, a placa azulejada veio junto, e hoje dá, discretamente, nome à sala que dividimos, eu e João Roberto. A nós agregaram-se os colegas Antonio Dimas e Nádia Gotlib que, embora não viessem dos estudos de teatro, consideraram-se incorporados ao Beco por filiação espiritual ao legado do Professor Decio.

Depois que o Professor retirou-se da vida acadêmica (embora nunca tenha dei-

xado a Universidade, assumindo outras funções, nem a pesquisa, continuando a escrever artigos, livros) continuamos a privar da nossa amizade. Eu ia vê-lo na sua casa, no Pacaembu, onde não poucas vezes tomamos chá, como era de seu costume oferecer às visitas. Ou então nos víamos em eventos, debates, homenagens e coisas assim. Conversávamos sobre a universidade, política, literatura, teatro, televisão, Brasil e tudo o mais. Amigo firme, oferecia apoio em momentos difíceis; discreto, dava conselhos mas abstinha-se de julgamentos.

Hoje estou só, aqui na sala, diante da placa de azulejos. Nádia se aposentou, João Roberto está nos Estados Unidos, Dimas deve estar trabalhando em casa. Um pensamento me acode: o Professor não está mais entre nós, é verdade. Mas eu diria que ele não morreu, assim no sentido mais bruto da palavra. Ele saiu de cena. E nos deixou aqui no Beco, nos deixou o próprio Beco, com seu legado mais íntimo, além de seus inestimáveis estudos: elegância, sobriedade, firmeza, segurança, calor, afeto, dedicação, bom humor, e seu inesgotável sorriso de acolhida.

decio!cəp
